

*Doctrina sed vim promovet insitam,  
Rectique cultus pectora roborant.*

Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado. Armitage situou bem o que era a *Gazeta do Rio de Janeiro*: “Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume”.

Claro que havia queixumes. Como expressá-los, porém, numa folha cujo material de texto era extraído da *Gazeta*, de Lisboa ou de jornais ingleses, tudo lido e revisto pelo conde de Linhares e, depois, pelo conde de Galveias, e que não tinha outra finalidade senão agradar à Coroa de que tão estreitamente dependia? Frei Tibúrcio nada ganhava “para ser gazeteiro”: quatro anos aturou o ofício, e demitiu-se, sendo substituído por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Hipólito da Costa lastimaria que se consumisse “tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria”. A qualificação era merecida, sem qualquer dúvida, mas caberia, ao longo dos tempos, com a mesma justeza, a muitas outras folhas. Consagrada como marco inicial da imprensa brasileira, a de frei Tibúrcio não teve nenhum papel daqueles que são específicos do periodismo, salvo o cronológico.

Papel específico teve, sem dúvida, o *Correio Brasiliense*, mas é discutível a sua inserção na imprensa brasileira, menos pelo fato de ser feito no exterior, o que aconteceu muitas vezes, do que pelo fato de não ter surgido e se mantido por força de condições internas, mas de condições externas. Hipólito da Costa justificou-se de fazer no estrangeiro o seu jornal: “Resolvi lançar esta publicação na capital inglesa dada a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelos perigos a que os redatores se exporiam, falando livremente das ações dos homens poderosos”. Razões óbvias: teria sido mesmo difícil, senão impossível, manter folha imune à censura, aqui, no início do século XIX. Mas não é isso que suscita a dúvida. Muitos exilados fizeram jornais fora dos seus países, como forma e meio de participar de suas lutas internas. Tais jornais, como o *Correio Brasiliense*, entravam clandestinamente onde deviam entrar. O que lhes dava o caráter nacional era a estreita ligação